

NORMA E NORMAN?: MATERNIDADE NA SÉRIE BATES MOTEL (2013-2017)

NORMA AND NORMAN?: MATERNITY IN THE BATES MOTEL SERIES (2013-2017)

REGAGNAN, Isabela Rodrigues*

<https://orcid.org/0000-0001-6891-3533> 

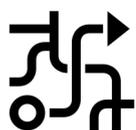
RESUMO: Este artigo tem o objetivo de discutir o audiovisual em formato de série como fonte histórica. Para isso foram analisadas as relações de gênero e a ideia do feminino – enfatizando a figura materna – na série estadunidense Bates Motel (2013 – 2017). A série traz no seu enredo a figura da mãe, Norma Bates, que é construída na atualidade como se construíam personagens nos séculos passados, sendo esta mãe devotada, esposa dedicada e dona de casa, exaltando também seus traços de feminilidade. Outro aspecto é que esta personagem foi criada pelo olhar masculino, o que nos possibilita problematizar a constituição feminina na série. Desse modo, o presente trabalho questiona os estereótipos ainda tão presentes no meio do audiovisual, dando destaque a uma nova linguagem – a série –, mostrando como a personagem Norma foi relacionada à família e a sexualidade.

Palavra-chave: Audiovisual. Maternidade. Bates Motel.

ABSTRACT: This article aims to point out the results of the discussion on audiovisual media in series format as a historical source. For this purpose, gender relations and the idealization of women were analyzed - emphasizing the maternal figure - in the American TV program Bates Motel (2013 - 2017). The series brings in its plot the maternal figure Norma Bates, who is built today as the characters were built in the last century: as a dedicated mother and dedicated housewife, praising her femininity. Another aspect is that this character was built based on the male look, allowing to problematize this female construction in the series. Therefore, the present work questioned the stereotypes still present in the audiovisual medium - highlighting the series as a new language - showing Norma's relationship with the family and sexuality.

Keywords: Audiovisual. Maternity. Bates Motel.

* Acadêmica de História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL). Bolsista no Programa de Educação Tutorial - PET História Conexões de Saberes. Voluntária do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC). Editora da Revista Eletrônica do Programa de Educação Tutorial – Três Lagoas/MS. Integrante do grupo de pesquisa História, Mulheres e Feminismo (HIMUFE). Tem experiência de pesquisa na área de História, atuando principalmente nos seguintes temas: História, Gênero, Mulheres, Feminismo, Audiovisual e Ensino de História. E-mail: isabelaregagnan@hotmail.com.



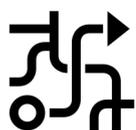
INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa que se propunha analisar a construção da personagem feminina e da maternidade na série Bates Motel (2013 – 2017). Antes da pesquisa ser iniciada, havia hipóteses em que a figura da mãe Norma Bates foi construída na atualidade com a mesma visão que se construía as personagens femininas dos séculos anteriores, construção essa baseada no modelo ocidental, enfatizando os Estados Unidos da América – onde a série é produzida -, que exaltava a feminilidade das mulheres, além de recuperar o modelo de maternidade do século XIX. Deve-se levar em conta também que a série foi criada por Anthony Cipriano, mas é um *spin off* do filme Psicose (1960) do diretor Alfred Hitchcock. Sendo assim, a personagem feminina protagonista da série, foi construída nas duas vertentes e nas duas temporalidades por um “olhar masculino”, como salienta Mulvey (2018).

A partir desse pressuposto pretendíamos analisar a personagem de Norma Bates, como essa se portava enquanto mãe e os estereótipos que carregava consigo. Cabe pontuar, como já dito, que a fonte utilizada nessa pesquisa é a série Bates Motel. Dessa forma, indagávamos, por que a maternidade de Norma era tão exagerada? Por que ela abandonou um filho e amou outro de forma tão fugaz? Por que ela foi construída com características das mulheres do século XIX no século XXI? Ela se encaixa nos padrões de feminilidade?

Essas indagações nos levaram a obter resultados que confirmavam as hipóteses que foram levantadas, isso após analisar a fonte da pesquisa. Primeira observação a destacar é que, na maioria dos episódios, a série constrói a maternidade de Norma de forma exagerada, com excesso de cuidado, obsessão e até mesmo uma relação abusiva, o que nos leva a pontuar que o objeto de análise buscou vincular a forma de ser mãe da personagem a abusos e estupros que a mesma sofreu em sua vida. Outro ponto que deve ser observado é o de que Norma utilizou a gravidez do primeiro filho como forma de resistir e sair da casa dos pais, onde sofria agressões e estupros por parte do irmão, entretanto, essa relação com o primeiro filho se tornou conturbada justamente por ele ser fruto de uma violência. Tal constatação permite levantar outra hipótese: a de que a maternidade foi representada, também, como signo de força.

Por meio dos episódios analisados, compreendemos que a personagem se encaixa perfeitamente no padrão de feminilidade exigido pela sociedade patriarcal. Ela é uma mulher cuidadosa consigo mesma, ganhando destaque nas cenas por estar muito bem



vestida e arrumada, uma maquiagem sutil e o cabelo sempre penteado, reforçando o padrão de feminilidade exigido para as mulheres. A personagem acaba por ser a projeção do que os homens esperam que ela seja.

A construção da figura feminina foi um ponto importante para essa pesquisa. Desse modo é relevante destacar que, a partir dos anos 1970, marcados pela intensificação dos movimentos feministas, os estudos de gênero passaram a analisar o papel que as mulheres ocupavam nos enredos da mídia audiovisual, constatando que esses papéis estavam correntemente voltados à criação do homem em um olhar masculino (GUBERNIKOFF, 2009, p. 65, 66). Elizabeth Kaplan (1995) vai distinguir que na produção de um filme e desse modo de uma mídia audiovisual, existem três olhares masculinos: o olhar da câmera na situação que está sendo filmada; o olhar do homem dentro da narrativa e o olhar do espectador. Através dessa afirmação, podemos perceber que são raros os filmes dessa época – e ainda no presente – em que as mulheres desempenham o papel principal e se destacam por algum ato dito heroico ou que seja admirado. Abordagens como essas, nos ajudaram a refletir sobre o lugar das mulheres no audiovisual e permitiram compreender levantes recentes de diretoras e atrizes que questionam as expectativas de gênero em relação a sua atuação.

Autoras como Teresa De Lauretis (1987) nos ajudaram a pensar questões acerca da composição das mulheres no audiovisual e as desigualdades de gênero neste campo, sendo a imagem da mulher carregada de estereótipos, além de ser silenciada.

Afirma-se que o cultural é uma área de intervenção da ideologia, e se a imagem representada da mulher é uma imagem estereotipada, pode-se dizer que a construção social da mulher, aquela trabalhada pelas diferentes mídias (seja por revistas e anúncios, seja por cinema e televisão) é baseada em critérios preestabelecidos socialmente e impõe uma imagem idealizada da mulher (LAURETIS, 1978, p. 28).

Espreitamos por meio da citação e dos estudos de Kaplan (1995), que ao ser composta a figura da mulher nos filmes, ela vem acompanhada de opressão, submissão sendo ligadas a sexualidade e família. E é dessa mesma maneira que a personagem Norma Bates é retratada na série Bates Motel.

Para essa análise, enfatizamos a discussão sobre audiovisual como fonte histórica, a partir de autores como Marcos Napolitano (2006) e Marc Ferro (1975), que ajudam a pensar questões referentes ao uso da série enquanto audiovisual para pesquisa histórica. Vale destacar que, mesmo o cinema, apesar de sua longevidade, ainda é visto como uma fonte nova para os estudos históricos, sendo, portanto, um desafio permanente (NAPOLITANO, 2006). A série, produção ainda mais recente, enquanto fonte histórica, é um campo a ser



explorado, muito embora seja fonte ainda mais complexa que o cinema para o trabalho histórico.

Essa mídia audiovisual surge como uma fonte para o historiador, assim como o cinema se tornou uma fonte histórica no decorrer do século XX. “[...] as séries são um vasto campo de aprendizagem e o conhecimento por elas abordado é bem mais extenso do que o que é fornecido pela cultura oficial” (ESTEVES, 2014, p. 21). Por ser produto da indústria cultural, e por configurar-se como cultura de massa, uma vez que é assistida e consumida por milhares de pessoas, a série acaba por reforçar modelos de sociedade e comportamentos que são impostos, ao mesmo tempo em que responde os anseios de determinada sociedade, como é o caso da série aqui pesquisada – Bates Motel – ao tratar da maternidade.

A maior parte da bibliografia que discute o audiovisual como fonte histórica, aborda a análise de filmes longa metragem ficção ou os documentários. Essa produção como fonte histórica é pouco referenciada na historiografia, daí a necessidade de tentar criar uma metodologia que adaptasse alguns meios de análise do cinema à série.

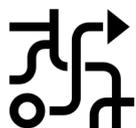
Com base nessa metodologia utilizada na pesquisa, percebemos que a série permitiu observar um movimento de reforço do papel materno e da feminilidade, insinuando um desejo de recuperação de velhos modelos de maternidade, ao mesmo tempo em que articula esses modelos a distúrbios psicológicos e desvios de comportamento. Norma e Norman, ao mesmo tempo em que protagonizam os vícios de uma relação conturbada entre mãe e filho, parecem (re)criar modelos de maternidade e feminilidade existentes em pleno século XXI.

FONTES AUDIOVISUAIS NA HISTÓRIA

O surgimento do cinema marcou o século XIX e com seu desenvolvimento tecnológico e metodológico, passou a ser, além de uma mídia de entretenimento, um mecanismo de comunicação e cultura. Por ser um meio de registro de experiências humanas por áudio, imagem, som, e cores o audiovisual passou também a ser uma ferramenta e/ou fonte para a pesquisa histórica.

Trata-se, pelo que tudo indica, de um legítimo ‘documento histórico’ de nascença, pela sua própria intenção e natureza, como suporte visual programado para registro de informações, cuja historicidade, à primeira vista, não parece oferecer graves obstáculos à identificação e à análise (MENESES, 2003, p.132).

Marcos Napolitano aponta que as fontes audiovisuais ganharam um crescente espaço no que tange a pesquisa histórica. “Do ponto de vista metodológico, são vistas pelos historiadores como fontes primárias novas, desafiadoras” (2006, p. 235). Ferro (1975) destaca



que desde o nascimento do cinema, os meios de discutir história se transformaram também, e foi em 1970 que o cinema passou a ser valorizado de fato como uma fonte para a história, sendo reconhecida como documento detentor de veracidade, contendo muitos fatores que poderiam ser de grande utilidade se analisados corretamente:

Nessas condições, empreender a análise de filmes, de fragmentos de filme, de planos, de temas, levando em conta, segundo a necessidade, o saber e o modo de abordagem das diferentes ciências humanas, não poderia bastar. É necessário aplicar esses métodos a cada substância do filme (imagens, imagens sonoras, imagens não sonorizadas), às relações entre os componentes dessas substâncias; analisar no filme principalmente a narrativa, o cenário, o texto, as relações do filme com o que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime. Pode-se assim esperar compreender não somente a obra como também a realidade que representa (FERRO, 1975, p. 06)

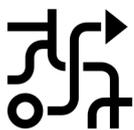
Por trás do filme existe toda uma construção de imagens, som, figurino, cenário e contexto a ser analisado, pontos esses que nos apresentam respostas à qual, muitas vezes, vão além do que um documento escrito pode apresentar.

No decorrer do século XX com a evolução do cinema e o desenvolvimento da televisão – aparelho que passa a compor os lares de várias famílias – originou-se o desenvolvimento de séries e seriados, denominados por Silva (2014) de “cultura de série”, transmitidos e assistidos por milhares de pessoas. Com isso o cinema junto da televisão passou a ser um dos maiores mecanismos de transmissão de histórias e de informações, já que o aparelho trouxe uma maior possibilidade de contato do público com o audiovisual, como mostra Camila Esteves (2017):

[...] com a chegada do entretenimento audiovisual nas casas, a televisão teve que se adaptar e produzir seu conteúdo de uma maneira completamente diferente do cinema. Assim, baseando-se no cinema e no teatro, a televisão foi capaz de produzir programas curtos e fragmentados que conseguiam chamar a atenção do espectador e mantê-lo interessado por tempo suficiente sem gerar um cansaço ou desinteresse (ESTEVEES, 2017, p. 17).

É essa nova produção de conteúdo que permite o surgimento das séries e seriados. A série tem um caráter internacional, ou seja, está presente no mundo todo, tendo diversas categorias de público, variando o seu conteúdo. As séries seguem mais o caminho de formatação de um episódio complementar a outro, desenvolvendo uma temporada que compõe o conjunto da obra.

Nos anos 2000 houve mais uma transformação tecnológica que impactou na produção e disseminação do audiovisual. A televisão ainda era o maior aparelho de destaque, mas ganharam forças também o uso de computadores e aparelhos celulares. Nos dias de hoje, a imagem que antes existia somente na televisão, está presente e é transmitida



por meio de aparelhos celulares, *notebooks*, *tablets*, entre outros eletrônicos. Isso fez com que aumentasse ainda mais o consumo das séries, bem como diversificasse a produção incluindo as “independentes” por fora das grandes corporações. Alguns outros fatores também marcaram esse fluxo consumista de séries, sendo esse o caso do *streaming*, uma ferramenta que possibilitou receber e transmitir conteúdos através da rede de internet, como é o caso de plataformas como *Netflix*, entre outras: “Através da tecnologia de *streaming*, o consumidor possui uma multiplicidade de tipos de conteúdo, os quais ele pode acessar como e no lugar que ele quiser” (SILVA e DALL’ORTO, 2017, p.3).

Para quem é consumidor de conteúdos dessas plataformas sabe que a variedade de séries, filmes, telenovelas e afins é gigantesca. É a partir de mudanças desde o advento da televisão, até as plataformas de *streaming* na atualidade, que a série – fonte utilizada nessa pesquisa – ganhou espaço e se tornou parte da vida de cada telespectador, fazendo com que estes se sintam parte do que está sendo transmitido. Além disso cabe salientar no que diz respeito a série dessa pesquisa, que *Bates Motel* foi transmitida pela rede de televisão A&E nos EUA e no Brasil pelo canal aberto Rede Record. Depois passou a compor plataformas de *streaming* como é o caso da *Netflix*. Por ter sido transmitida em canais, a série conquistou ainda mais público, pois dessa forma milhares de pessoas tiveram acesso de fato ao seu conteúdo. Ao analisar a ficha técnica de *Bates Motel*, notamos que o público-alvo é composto por jovens e adultos, na faixa etária de 16 anos a adultos de 49 anos. E que o interesse desse mesmo público em respeito à série é diversificado, isso mostra a ampla gama de temáticas que essa produção audiovisual aborda, cativando tanto os adolescentes, quanto as pessoas mais velhas, que talvez busquem no *spin-off* uma pitada do filme que marcou época.

Como método de análise da série desenvolvido para essa pesquisa, construímos uma tabela para ser um material de consulta que visava ter o maior número de informações possíveis sobre os episódios, sendo uma forma de materialização do conteúdo analisado. Foram utilizados os termos “Relevante” e “Irrelevante” para demarcar qual a importância dos episódios para a pesquisa, tendo no horizonte o fato da categoria gênero ser a lente primordial de análise da fonte. Os episódios marcados como “relevantes” consistem em episódios que trazem temas em destaque para a pesquisa, como: maternidade, feminilidade, olhar masculino sobre a personagem feminina, desigualdade de gênero. Esses temas, de alguma forma compõe a série de maneira geral, mas recebem destaques maiores e – mais importantes para a pesquisa – em alguns episódios do que em outros, episódios esses que são atribuídos como “irrelevantes”.

Já os “irrelevantes” são episódios que podem ter alguma cena interessante para a pesquisa, mas que de maneira geral não tratam de assuntos que interessavam diretamente a este projeto. Com o intuito de sistematizar melhor os dados, foi importante localizar informações específicas dos episódios e das temporadas na tabela, tais como: título, direção, uma breve descrição, a relevância e o porquê o mesmo era relevante. Essa metodologia facilitou a análise dos episódios, permitiu uma melhor memorização dos temas, além de conter informações necessárias para as análises. Destacamos, por fim, que a construção da tabela proporcionou uma visão macro da fonte, possibilitando a visualização de panorama de abordagens e conteúdos possíveis de serem tratados a partir da série Bates Motel.

EPISÓDIO E TEMPORADA	TÍTULO	DIRIGIDO POR	DESCRIÇÃO	RELEVÂNCIA
Temporada 3 – Episódio 5 6 de abril de 2015	"The Deal" "(O Acordo)"	Nestor Carbonell	Norma descobre o que tem no Pen Drive e vai atrás de um acordo.	Irrelevante
Temporada 3 – Episódio 6 13 de abril de 2015	"Norma Louise"	Phil Abraham	Norma foge e tenta recomeçar uma vida em Portland, mas percebe que precisa voltar e fazer o “necessário” pelos filhos.	Relevante - Episódio da ênfase em Norma, no seu passado e em atitudes do presente como mãe.
Temporada 3 – Episódio 7 20 de abril de 2015	"The Last Supper" "(A Última Ceia)"	Ed Bianchi	Norma se resolve com Caleb, ajuda Romero e faz uma ceia para a família jantar.	Relevante - Mostra o lado afetivo de Norma como mulher e como mãe.

Tabela 1: Identificação e descrição de episódios analisados. Elaboração própria.

Na tabela 1, há o exemplo de como a ela foi elaborada e três episódios que foram analisados da série. Nesse exemplo, podemos ver que há um episódio atribuído como “irrelevante”, justamente por não trazer de maneira tão direta elementos que a pesquisa buscava analisar. Já os outros dois são considerados “relevantes” por trazerem esses elementos. Nesses episódios “relevantes” vemos a personagem Norma sendo protagonista do episódio em si. Fazendo uma relação com o tempo daquilo que ela era, com aquilo que ela se tornou. Muitos elementos do passado que foram ressaltados no episódio, nos ajudam a analisar o seu presente enquanto essa mãe devota. No outro episódio, vemos justamente esse lado afetivo da maternidade dela.

Para facilitar a análise e síntese da série, foi feito um breve fichamento de cada episódio, dando destaque as questões da linguagem cinematográfica. Por meio da descrição



dos episódios as cenas foram analisadas e capturadas com mais detalhes, dando ênfase no figurino, nos contrastes das cenas, no plano e até mesmo na trilha sonora. Apesar desses elementos não estarem presentes na tabela, eles também foram analisados, na hora de elaborar o fichamento. O esforço de sistematização das falas, das cenas, dos personagens permitiu que elementos sutis fossem transformados em objetos de análise e reflexão histórica, reforçando a ideia que trabalhar com audiovisual não se configura como ato de assistir filmes ou séries, uma vez que o trato metodológico diferencia o trabalho de pesquisa do consumo de “entretenimento”.

Através da realização de leituras, da feitura de fichamentos, da construção das diferentes tabelas que permitiam um tipo de olhar sobre a fonte, conseguimos analisar e conseqüentemente perceber a intensidade dos temas fundamentais para essa pesquisa dentro da série. Vemos que há um reforço da maternidade, trazendo à tona um modelo de maternidade do século XIX, e também um reforço da feminilidade tão exigida pelos homens, movimento paralelo ao de articulação entre maternidade e distúrbios psicológicos e de comportamento. A série (re)cria Norma como uma mãe controladora e obsessiva.

Ao longo da análise foi possível perceber que a maternidade recuperada do século XIX foi representada como uma maternidade que agride psicologicamente da mãe e do filho, já que ambos apresentam desgastes e até mesmo transtornos psicológicos durante a série.

NORMA BATES, A MATERNIDADE E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO AUDIOVISUAL

As mulheres, foram produzidas, recorrentemente, no audiovisual de maneira a exaltar sua sexualidade e sexualização, ou com estereótipos, como o de boa mãe, esposa, dona de casa, modelo esse que tem relação direta com a branquitude, – realçando o ideal de mulher branca e pura presente na era vitoriana do século XIX –; ou sendo reduzidas a papéis em que aparecem como a histérica, louca, com pouca capacidade intelectual, como é o caso da personagem Norma Bates, na série Bates Motel. Como afirma Elizabeth Kaplan,

As mulheres tem sido relegadas a ausência, ao silêncio e à marginalidade, elas também foram até certo ponto, relegadas para fimbria do discurso histórico, se não for para uma posição totalmente fora da história (e da cultura); que tem sido definida como a história do homem (via de regra da classe média) branco[...]em termos de narrativa dominante no cinema, na sua forma clássica, as mulheres, de modo como têm sido representadas pelos homens nesses textos, assumem uma imagem de que têm um status “eterno” que se repete, em sua essência, através das décadas: superficialmente, a representação muda de acordo com a moda e o estilo – mas se arranhamos a superfície, lá está o modelo conhecido (KAPLAN, 1995, p.17).

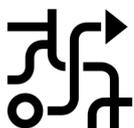
A personagem apresenta essas características apontadas por Kaplan (1995). A maternidade de Norma segue o modelo de maternidade eternizado do século XIX e transportado para o século XXI e nesse contexto a personagem tem sua identidade presa à figura materna. Mesmo sendo representada em outro século, quando paramos para analisar essa construção, ela está lá, do mesmo jeito que era representada antes pelos homens.

Outro fator que merece nossa atenção, diz respeito aos códigos cinematográficos. De acordo com Teresa De Lauretis (1987), os métodos cinematográficos constroem a mulher como um objeto de olhar (*voyeurista*), sendo esta uma crítica ao discurso psicossocial, estético e subjacente a representação do prazer visual. No que tange ao prazer visual, Mulvey (2018) faz uma crítica da imagem, apontando essa como um produto predominante do olhar masculino, onde a imagem da mulher é construída como um objeto passivo do olhar. Na série, fica claro que Norma é construída como esse objeto de olhar. Toda sua produção, desde o figurino, a trilha sonora que a acompanha nos faz compreender essa representação do prazer visual. É nítido também, nas cenas em que ela aparece trocando de roupa, como ela é objeto de olhar do diretor, do filho e do espectador, como é o caso da figura 1.

Nessa cena, temos Norma se trocando para ir em um encontro. Ela aparece diretamente na cena com uma vestimenta que traz um ar de sensualidade a personagem. Através do enquadramento da câmera, vemos que Norman fica em uma posição em que está de perfil, mas conseguimos perceber que de uma maneira tímida, ele observa a mãe se trocar, sendo ela um objeto de olhar para o filho. No mesmo enquadramento temos Norma sendo enquadrada diretamente no ângulo da câmera, mostrando sua expressão ao se trocar e os seus seios, sendo objeto do olhar do diretor e também do espectador.



Figura 1: Segundo episódio da primeira temporada. Captura de tela feita pela autora.



Ao falar sobre a construção das personagens femininas no cinema, Laura Mulvey também aponta a questão do *voyeurismo*, sendo as mulheres retratadas como imagem, enquanto o homem seria o portador do olhar. Na perspectiva de Mulvey,

O plano estático, presente tanto na primeira como na segunda forma de apresentação, denotaria a fragilidade dessas personagens. As personagens masculinas, ao contrário, nos são mostradas em movimento: a câmera segue-as; o que seria a tentativa cinematográfica mais próxima possível do olho humano e nos revelaria uma característica fundamental deste cinema: as mulheres seriam retratadas como “imagens”; enquanto os homens seriam os “portadores do olhar”. Esta apresentação está diretamente relacionada ao papel desempenhado pelas personagens principais. As personagens femininas desempenham um papel ambíguo: são freqüentemente as que transgridem certas normas e convenções sociais e estão, sobretudo, relacionadas à trama a partir dos sentimentos que despertam nas personagens masculinas (OLIVEIRA FILHO, 2012, p.41)

Como expresso na citação, Norma se adequa à imagem que remete ao prazer do olhar, sendo o seu filho Norman o portador do olhar. Assim como apresentado na figura 1, em outras cenas ela é enquadrada, ou o seu figuro condiz com a sensação que remete a esse objeto do olhar. Oliveira Filho (2012) toca em um ponto importante analisado e retratado na série: o sentimento que as personagens femininas despertam nas personagens masculinas. Vemos nessa produção a relação que a mãe tem com os sentimentos que desperta no filme, e como este a vê.

Essa relação de mãe e filho significa muito na série, como é o caso dos nomes dos personagens, Norma e Norman: “O nome do filho, Norman, é uma extensão do nome da mãe, Norma, além de ser a versão masculina do mesmo” (ALVES, 2017, p.3). Essa relação dos nomes é indagada em uma cena do primeiro episódio da temporada, quando o xerife questiona os nomes e diz que não é algo comum.

Para pensar a maternidade de Norma é preciso analisar alguns aspectos apontados por Badinter (1985). A autora propõe uma reflexão sobre o discurso do amor materno das mulheres francesas entre os séculos XVIII-XIX, no qual constatam-se elementos válidos de serem ressaltados: a maternidade e o instinto materno são construções sociais, culturais e políticas.

Quando paramos para pensar nas mulheres de classes abastadas no século XVIII, é possível notar que muitas delas não estavam dispostas a realizar algumas de suas funções maternas, ou como Badinter destaca, não estavam dispostas a sacrificar a sua vida social e “mundana” para a criação de filhos, e o primeiro ato de rejeição que se encontra é a recusa do aleitamento (BADINTER, 1985)



O discurso sobre maternidade começa a mudar ainda no século XVIII, operando uma espécie de revolução das mentalidades, em que a imagem da mãe e seu papel passa a ganhar importância, se modificando radicalmente. Badinter (1985) aponta que no decorrer dos anos de 1760 abundantes publicações recomendavam que as mães cuidassem pessoalmente dos seus filhos e os amamentassem. A autora destaca também que o amor materno sempre existiu, porém, o que é novo nesse século, é a exaltação do mesmo.

Moralistas, administradores, médicos puseram-se em campo e expuseram seus argumentos mais sutis para persuadi-las a retornar a melhores sentimentos e a "dar novamente o seio". Parte das mulheres foi sensível a essa nova exigência. Não porque obedecessem às motivações econômicas e sociais dos homens, mas porque um outro discurso, mais sedutor aos seus ouvidos, esboçava-se atrás desse primeiro. Era o discurso da felicidade e da igualdade que as atingia acima de tudo (BADINTER, 1985, p.145).

É possível perceber que a maternidade em si sempre foi um tema de debate entre homens detentores do saber científico. Discursos do ideal materno perpassaram diversos séculos, tendo seu auge no século XIX, quando estudiosos baseados em um modelo rousseanista propunham uma maternidade perfeita, definindo como mulheres-mães deveriam se portar diante da função de cuidados com seus respectivos filhos. "Rousseau (2004), que introduziu a ideia de amor fraternal, fundada no amor maternal, transferindo à mulher a responsabilidade absoluta do cuidado com a criança" (CALAFATE e PARENTE, 2013, p. 8).

Nessas problemáticas, a figura da personagem Norma Bates, enquanto mãe no século XXI, se adequa ao papel ideal exigido para as mulheres entre a metade do século XVIII e principalmente no século XIX, sendo este de esposa, educadora, mãe, dona de casa. Ela é construída por uma visão masculina, sendo uma mãe devotada, dona de casa, que vive em função do seu filho.

Na cena do episódio 10 da segunda temporada, Norma prepara um jantar para Norman, seu filho mais novo, e diz que adora cozinhar para ele. Ao analisarmos, vemos que a mãe faz de tudo para agradá-lo, tais ações implicam também no próprio bem-estar dela, pois, quando agrada o filho, acaba agradando a si mesma diante da felicidade dele. Desse modo, como apontado por Beauvoir, a mãe tratará o filho como um bebê mesmo ele estando crescido, pois, quer o filho só para si, "a fim de que seja realmente seu, ela se esforça para reduzi-lo à sua realidade imanente" (BEAUVOIR, 2009, p. 285)

A personagem acaba por seguir um padrão de feminilidade e de mãe que respeita sua "própria natureza". Natureza essa que é imposta às mulheres desde a infância, quando seu desenvolvimento está direcionado ao ser mãe, atribuindo às mulheres um "instinto"

materno e uma obrigação biológica: “Da infância, as mulheres-mães lembram brincadeiras de bonecas, cuidados dos/as irmãos/ãs e, freqüentemente, trabalhos como cuidadoras de outras crianças, dependendo de suas condições sociais. Em comum, fica-lhes determinado o futuro papel a desempenhar” (GRISCI, 1995, p.14 e 15).

Esse modelo de mãe seria o ideal para muitos homens. As mulheres que não seguissem esse padrão eram dadas como histéricas: “A imagem da mulher enquanto mãe representa uma norma e quando esse papel lhe é negado, esta pode ser impelida a extremos psicóticos perversos” (LAROCCA, 2014, p. 12).

É no que diz respeito à representação de Norma para os personagens masculinos da série, que percebemos como ela é moldada para servir e agradar. Isso é nítido no primeiro episódio da quinta temporada, quando, logo após Norma morrer, o filho começa a ter alucinações com a mãe e ela sempre aparece na cozinha ou limpando a casa. Podemos notar por meio da figura 2 o uso das cores para expressar esse sentimento materno. Na cena, Norma está na cozinha, as cores utilizadas trazem tons amarelados e brancos, significando certa paz e prosperidade. Já a cena real, em que ela não está presente de fato, as cores são utilizadas em tons mais escuros, o que dá um contraste ao ambiente como algo sombrio, mórbido e de certa forma caótico, condizendo com a situação real do personagem do Norman no momento.



Figura 2: Primeiro episódio da quinta temporada. Captura de tela feita pela autora.

Outro ponto que podemos ver através da figura 2, é que a casa, enquanto Norma está, é sempre limpa e bem arrumada. A visão que Norman tem da mãe é marcada pela dominação de gênero e pelas exigências feitas a uma mãe e dona de casa. Ele não consegue vê-la de outra maneira que não seja essa. Em outros episódios em que a mãe aparece como uma alucinação do filho mais novo, ela também está reduzida a afazeres domésticos. Quando presente em alucinações, a mesa está posta, tudo está muito bem arrumado.

Através da figura 3, vemos o uso de cores escuras no restante da casa, mas uma luz amarelada vinda da vidraça da porta, perto de onde está Norma. A personagem está vestindo uma saia escura, mas uma camisa de cor clara e o uso do avental. Novamente observamos que o uso dessas cores, seja no cenário ou no figurino, tenta nos passar uma sensação de paz e pureza, ou até mesmo algo místico, como se Norma fosse agora uma divindade. Quando ela não está mais ali, a casa está suja e desarrumada, e os tons das cores e iluminação são sempre mais escuros.



Figura 3: Primeiro episódio da quinta temporada. Captura de tela feita pela autora.

No decorrer da série, com a intenção de se dedicar só para o filho Norman, Norma rompe seu relacionamento. Mais uma vez podemos ver que a maternidade está em primeiro lugar, mesmo ela sofrendo com a situação. Sobre a maternidade, Simone de Beauvoir pontua que “de costume, maternidade é um estranho compromisso de narcisismo, de altruísmo, de sonho, de sinceridade, de má-fé, dedicação e cinismo.” (BEAUVOIR, 2009, p. 280). Além disso, a autora afirma que é através do filho que a mãe compensa a frustração que sente nos outros âmbitos de sua vida. No caso de Norma, essas frustrações poderiam ser os relacionamentos abusivos que ela teve.

No episódio 6 da terceira temporada, intitulado “Norma Louise”, Norma briga com os filhos e decide sair de casa. Ao sair, pega seu carro e segue para Portland, onde busca recomeçar sua vida. Como forma de recomeço e em busca de sua identidade, Norma compra novas roupas, muda de carro e vai a um bar. Nessas cenas, analisamos que a personagem está em busca de se reconstruir como mulher, deixando um pouco de lado apenas seu papel como mãe, que está sendo reforçado de maneira recorrente no decorrer da série.

A imagem 4 nos mostra Norma em uma loja de roupas tentando encontrar seu “novo eu”. O enquadramento e o ângulo da câmera nos fazem enxergar essa dualidade entre o antigo e o novo eu. Isso porque a personagem está de costas ao mesmo tempo que reflete sua

imagem no espelho. Conseguimos enxergar a “antiga Norma”, com seu vestuário florido, atribuído como recatado, simples e sutil. Ao mesmo tempo que vemos a “nova Norma”, com uma jaqueta que chama mais atenção e até mesmo dá um “ar” mais juvenil a personagem, desconectando-a da figura materna.



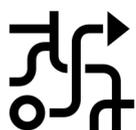
Figura 4: Sexto episódio da terceira temporada. Captura de tela feita pela autora.

No que tange a identidade, Betty Friedan (1971) pontua que a mística feminina construiu a determinação de mulher mãe e dona de casa, que não podia possuir uma formação, usar do intelecto e ter outro papel no mundo. Era impossível ser dona de casa e mãe e ser uma mulher com uma formação. As mulheres fora do ideal da mística eram representadas como sendo masculinas. Para Friedan (1971) o problema feminino não era de ordem sexual e sim de identidade, a cultura americana não permitia as mulheres aceitar ou cogitar a necessidade de se pensarem como ser humano, impedindo as mulheres de atingir certa maturidade. Norma representa a mística que aprisiona as mulheres em seus papéis de mães e esposas e que, quando rompida, anuncia a existência de uma identidade outra, a de mulher.

No episódio 6 Norma volta para casa e sua primeira aparição é na cozinha, durante uma arrumação. No episódio 7 da terceira temporada, como em outros, Norma está sempre muito bem arrumada e maquiada, exaltando sua feminilidade. Ao analisarmos conseguimos perceber que além da personagem ser um modelo de mãe, ela também é um modelo de feminilidade e isso é enfatizado sempre:

No cinema a mulher é igualmente, como seu verdadeiro ser, uma mulher real, elevada ao segundo nível de conotação, o mito; ela é representada como sendo aquilo que ela representa para o homem e não em termos do que ela realmente significa (KAPLAN, 1995, p. 37).

Desse modo, ao analisar as cinco temporadas da série Bates Motel algumas hipóteses que antes foram levantadas foram respondidas, além de termos feito descobertas com a série, como por exemplo, a construção da personagem Norma, seu papel enquanto



mãe e a relação que a ela foi atribuída com o transtorno e complexo do seu filho Norman. Ademais, conseguimos perceber que a personagem também foi enquadrada no padrão de construção de personagens femininas trazido pelas teóricas aqui citadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que Norma Bates foi construída nos dias atuais como uma dona de casa, mãe devotada, que faz de tudo para e pelo seu filho Norman, o protegendo de tudo aquilo que o fará mal, sendo essa vigilante o tempo todo. Sua maternidade, ao ser exaltada pela série é também acusada de ser danosa ao filho. Desse modo, ela pode ser descrita a partir de alguns critérios cinematográficos aqui levantados. Como pontuado por Kaplan (1995), ao serem representadas no audiovisual, as mulheres aparecem ligadas a contextos domésticos, relacionadas ao casamento, sexualidade e família. É interessante notar, ainda, o desejo de consumo dessas representações que não apenas constroem modelos de feminilidade, como também respondem às expectativas de gênero da sociedade.

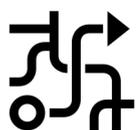
Cabe também destacar a importância e complexidade da série para a pesquisa histórica, cabendo muito bem como fonte, uma vez que permite reflexões sobre expectativas da sociedade e discursos que são ou não historicamente aceitos. Apesar de as pesquisas com séries serem recentes, e por isso acarretar certa dificuldade em encontrar bibliografia, o uso da mesma é em suma muito importante e relevante.

É nítido quando analisamos a série a desigualdade de gênero retratada na mesma. Os filmes hollywoodianos revelam um olhar masculino dominante com seu poder político e econômico que além de sexual, relega a mulher a ausência, o silêncio e marginalidade (KAPLAN, 1995). Esse debate levantado por Kaplan (1995) serve também para as séries, cultura de massa que tem na sua produção uma forte condução pelo olhar masculino. Sendo assim, compreendemos que a série Bates Motel traz em sua composição elementos essenciais para a análise das questões de gênero no audiovisual, principalmente para reflexão sobre a recuperação de velhos discursos sobre o ser mulher e mãe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Carolina. Melillo. de Camilo. *Norma, o nome-da-Mãe: a forclusão do nome-do-Pai e a constituição da estrutura psicótica*. São Paulo: Site: Centro de Estudos Psicanalíticos, 2017.

ANELO, Cláudia R. Ferreira. Globalização e História da TV: A tecnologia e a democracia do telespectador. In. *3º Encontro Centro-Oeste de História da mídia*, 2016, Campo Grande.



Encontro Centro-Oeste de História e mídia, 2016. V. V. 1. P.01-15. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/centro-oeste/3o-encontro-2016/historia-da-midia-audiovisual-e-visual/globalizacao-e-a-historia-da-tv-a-tecnologia-e-a-democracia-do-telespectador/at_download/file. Acesso em: 19/03/2020.

BADINTER, Elisabeth. *Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno*. 2ª Edição. 1998.

BEAVOUIR, Simone. *O segundo sexo*. Tradução Sergio Millet. – 2º Edição – Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009

CALAFATE, Jaqueline Medeiros S. PARENTE, Temis Gomes. O "Instinto Materno": Uma discussão acerca da apropriação do Estado no "desejo" de amamentar. *Anais Seminário Internacional Fazendo Gênero 10: Desafios Atuais dos Feminismos*. (2013 Florianópolis – SC). UFSC, 2013, p. 12. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1384979187_ARQUIVO_JaquelineMedeiros.pdf. Acesso em: 22/03/2020.

DALL'ORTO, Felipe. Campo.; SILVA, Mariana. Zaché. Streaming e sua influência sobre o Audiovisual e o Product Placement. *Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. (2017, Curitiba – PR) v. 2757, p. 1-15, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2757-1.pdf>. Acesso em: 15/11/2020.

ESTEVES, Camila Maestri. *NORMA(N) BATES: Estratégias narrativas na construção do personagem de Bates Motel*. Trabalho de conclusão de curso (Biblioteconomia e comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017, 93 p.

OLIVEIRA FILHO, José Hildo de. O cinema narrativo, a psicanálise e o feminismo sob a perspectiva de Laura Mulvey. *Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 38 - 49, agosto 2012. Semestral.

FRIEDAN, Betty. *Mística Feminina*. Editora Vozes Limitada, 1971.

GRISCI, Carmem. Lígia. Iochins. Mulher - mãe. *Psicologia: Ciência e Profissão (Impresso)*, Brasília, v. 15, n.1,2 e 3, p. 12-17, 1995.

GUBERNIKOFF, Giselle. A Imagem: A Representação da Mulher no Cinema. *Revista Conexão UEPG*, v. 8, p. 65-77, 2009.

KAPLAN, Ann. *A Mulher e o Cinema: Os dois lados da câmera*. 1 edição: Editora Rocco. Rio de Janeiro, 1995.

LAROCCA, Gabriela. Müller. O Corpo Feminino no Cinema de Horror: Representações de Gênero e Sexualidade nos filmes *Carrie*, *Halloween* e *Sexta-Feira 13* (1970 - 1980). In.: *ANAIS DO XV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-SC 1964-2014: Memórias, Testemunhos e Estado*. (2014, Florianópolis – SC). UFSC, p. 15. V. 1. Disponível em: http://www.encontro2014.sc.anpuh.org/resources/anais/31/1405613859_ARQUIVO_TrabalhoCompletoGabrielaLarocca.pdf. Acesso: 10/03/2020.



LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. *Technologies of gender*, Indiana University Press, 1987. p. 1-30.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A fotografia como documento. Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. *Tempo - Revista do Departamento de História da UFF*, Niterói, v. 7, n.14, p. 131-142, 2003.

MULVEY, Laura. Prazer Visual e o Cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail. (Org). *A experiência do cinema*. 1ª Edição. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

SILVA, Marcel Vieira. Barreto. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 27, p. 241-252, jun. 2014.

Recebido em: 15/02/2021

Aprovado em: 07/06/2021